

RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO PIBID DE GEOGRAFIA:

Um olhar para a formação docente

ILARA SANTOS LEMOS¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

TALITA DE NOVAIS ALMEIDA²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Resumo

O presente artigo consiste em um relato das experiências no subprojeto de Geografia do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Busca-se, através deste relato evidenciar a importância do programa para a formação Docente. Assim, foram destacadas as principais práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo da participação no programa, bem como os eventos e oficinas que foram possibilitadas e que contribuíram de forma efetiva para a formação das bolsistas e autoras deste trabalho. Neste relato, dialogamos com autores que tratam sobre as temáticas observadas através da nossa vivência nos espaços escolares, como: a questão do Novo Ensino Médio e adaptação aos Itinerários Formativos. Além de autores que ressaltam a importância do uso de elementos visuais, como mapas, no processo ensino-aprendizagem. Assim, com este relato consideramos as principais contribuições que a participação no programa trouxe para a nossa formação enquanto docentes, enfatizando a relevância do programa para a reconstrução do papel social do professor.

2670

Palavras-chave: Aprendizagem. Experiências. Práticas Pedagógicas.

Abstract

This article consists of a report on the experiences in the Geography subproject of the Teaching Initiation Scholarship Program - PIBID. This report seeks to highlight the importance of the program for teacher training. Thus, the main pedagogical practices developed throughout participation in the program were highlighted, as well as the events and workshops that were made possible and that effectively contributed to the training of the scholarship holders and authors of this work. In this report, we dialogue with authors who deal with the themes observed through our experience in school spaces, such as: the issue of New High School and adaptation to Training Itineraries. In addition, authors who highlight the importance of using visual elements such as maps in the teaching-learning process. Thus, with this report we consider the main contributions that participation in the program brought to our training as teachers, thus emphasizing the relevance of the program for the reconstruction of the teacher's social role.

Keywords: Apprenticeship. Experiences. Pedagogical practices.

Introdução

A experiência é fundamental para todos que constantemente buscam ou passam por novas aprendizagens. A aprendizagem, de acordo com Lefrançois (2008), é tudo o que pode ser mudado ou descoberto através da experiência e essa experiência pode ser um contato com alguma coisa, ou engajamento em qualquer evento que têm o intuito de gerar mudanças no comportamento de uma pessoa, mudanças essas que se tornem perceptíveis depois da experiência tida, pois, somente assim irá revelar que a aprendizagem realmente foi efetiva.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID foi ofertado com o intuito de melhor capacitar os discentes de cursos de licenciaturas ao ofício de ser professor. Dessa forma, no subprojeto do PIBID de Geografia de vigência entre 2022 e 2024, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, foi contemplada com um total de 24 bolsas, sendo dois voluntários, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a. Adriana David Ferreira Gusmão, que nos organizou em três núcleos, de modo que, cada grupo foi destinado para um dos três colégios que estão participando do subprojeto: Colégio Estadual Abdias Menezes - CEAM, Centro Integrado de Educação Básica - CIEB e Escola Municipal Frei Serafim do Amparo para que pudéssemos experenciar distintas realidades escolares.

Neste sentido, nós (Ilara e Talita) passamos por dois núcleos, sendo o primeiro no CEAM, sob a supervisão da professora Karen Cristine e o segundo no CIEB, com a supervisão da professora Lucineide, ambos os colégios são de rede pública, focados no Ensino Médio e ficam localizados em Vitória da Conquista – BA, em bairros populares da cidade, sendo o CEAM no bairro Candeias e o CIEB no Bairro Brasil. Destarte, este relato de experiência apresenta as principais atividades realizadas por nós enquanto bolsistas do PIBID e as práticas desenvolvidas ao longo do processo, a fim de evidenciar a importância do programa para a formação docente.

2671

O novo ensino médio: itinerários formativos

Em nossa passagem pelos Colégios foi possível vivenciar a rotina imposta pela implementação do Novo Ensino Médio. Uma vez que houve uma nova carga horária para as disciplinas, com a redução do tempo destinado para algumas delas, ocorreu também o aumento do tempo em que os alunos permanecem na escola devido ao ensino Integral. Straforini (2018) aborda sobre a instituição e implementação do Novo Ensino Médio, destacando as mudanças curriculares:

[...]A Medida Provisória 746/2016, transformada na Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que institui a implementação de escolas de Ensino Médio em tempo integral, e que, dentre suas prerrogativas, simplifica o sentido mais amplo da

profissão docente a um “notório saber”, flexibiliza o currículo escolar, instituindo os percursos formativos em quatro áreas de conhecimento e formação técnica e profissional e, por fim, institui apenas os componentes curriculares Arte, Educação Física, Língua Portuguesa, Matemática e Língua Inglesa como obrigatórios, ficando as demais matérias à mercê dos “itinerários formativos” e da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, conforme previsto na supracitada Lei. (Straforini, 2018, p. 175).

Desta forma, nota-se que apenas algumas disciplinas que compunham o currículo escolar anteriormente permanecem como obrigatórios enquanto, outras como a Geografia passam a ser flexibilizadas tendo sua carga horária transformada em itinerários formativos. Essa realidade de mudanças curriculares através dos itinerários formativos foi percebida por nós em um dos primeiros contatos com o CEAM, por meio de um evento intitulado I Mostra de vídeos do CEAM “Cinecríticos” realizado justamente, por conta do itinerário formativo, ministrado pela nossa supervisora de Geografia Karen Cristine, foi possível apreciar e entender um pouco sobre o itinerário que é umas das questões mais discutidas neste Novo Ensino Médio que segundo Corrêa e Garcia (2018)

[...]é o que a Lei chama de itinerários formativos, e estes poderão ser escolhidos pelo estudante, com o tempo dedicado ao aprofundamento acadêmico nas áreas eletivas ou em cursos técnicos, tendo como propostas: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional (Corrêa; Garcia, 2018, p.615).

2672

Assim sendo, este itinerário formativo realizado no CEAM fez parte da IV área que é a das ciências humanas e sociais aplicadas, em que, a mostra de vídeos foi uma prática realizada pelos alunos do primeiro ano do ensino médio no auditório do colégio. No entanto, foi preciso dividir as turmas, porque o espaço do auditório não era o suficiente para todos e havia várias turmas de primeiro ano. Basicamente, os alunos criaram vários vídeos com temáticas sociais ou temas voltados para a escola e as suas circunstâncias, com um aprofundamento crítico. Por exemplo, o primeiro vídeo foi uma curta-metragem de desenho, muito semelhante ao anime, que demonstrou o que alguns alunos pensam sobre a escola, principalmente no ensino médio haja vista que, os assuntos, conteúdos e provas são muito mais complexos do que no ensino fundamental, evidenciando que as dificuldades aumentam, conforme os alunos avançam pelas últimas etapas da educação básica.

Enquanto no segundo e quarto vídeo foi utilizado o formato de entrevistas, nas quais os alunos fizeram alguns questionamentos sobre como é o trabalho no CEAM para os

professores e funcionários do colégio. Outros vídeos interessantes foram sobre a própria cidade de Vitória da Conquista e sua história, temas de racismo, preconceito, etc. Neste sentido, o vídeo buscou a conscientização para o tratamento igual entre as pessoas tendo como objetivo quebrar conceitos pré-estabelecidos que geram estereótipos e alimentam pensamentos e atitudes discriminatórias.

Ademais, foi abordado sobre o Bullying na escola e as suas consequências que podem levar ao suicídio da vítima, as autoras Carvalho e França (2019) argumentam que “a manifestação discriminatória dentro do processo educativo tem gerado uma série de agressões físicas e simbólicas que acarreta sofrimento no cotidiano dos alunos, principalmente dos negros” (Carvalho; França, 2019, p.150). Ao discutirem esse tema com os vídeos percebe-se que há certa consciência dos alunos do CEAM para com estes assuntos o que demonstra que a escola pode colaborar no que concerne às transformações dentro e fora do ambiente escolar ao despertar o senso crítico dos estudantes sobre as práticas de violência e discriminação a fim, de que esses possam modificar seus próprios comportamentos não só no ambiente escolar, mas, em suas relações sociais enquanto cidadão.

Com os resultados apresentados nesse evento do CEAM, observa-se a importância de na mediação do processo ensino-aprendizagem estimular os estudantes ao trabalhar com temas de sua própria realidade. Assim como: “Dewey (1979) insistia na necessidade de estreitar a relação entre teoria e prática, pois acreditava que as hipóteses teóricas só têm sentido se inseridas no contexto diário do aluno” (Springer, Soares, p. 788), os professores devem utilizar conteúdos escolares, relacionado com o espaço concreto em que o aluno vive, pois, quando ele não aprende coisas próximas da sua realidade, acaba achando inútil, tornando o ensino pouco eficaz neste sentido.

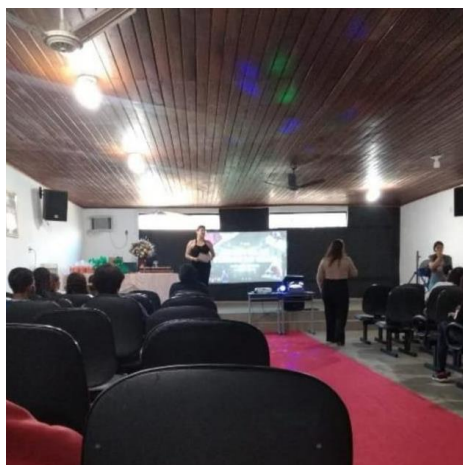




Figura 1: Evento Cinecríticos no CEAM. Fonte: Talita de Novais Almeida e Ilara Santos Lemos, Vitória da conquista- BA, 2022.

No final das apresentações houve premiações dos melhores trabalhos, sendo que um dos vídeos premiados foi sobre o “Novo Ensino Médio”. O uso dos vídeos como recurso didático se mostrou muito efetivo. Como diz Napolitano (2003) os vídeos são ideias para “introduzir um novo assunto, para despertar curiosidade e a motivação para novos temas. Isto facilita o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria” (Napolitano, 2003, p. 34). Pode-se perceber isso na prática, visto que os alunos se empenharam em pesquisar os temas e, além disso, expressaram sua criatividade ao produzir os próprios vídeos, enfatizando assim, a importância do protagonismo estudantil no processo de ensino-aprendizagem. Todas as discussões apresentadas são extremamente pertinentes para o perfil dos alunos da escola, os temas escolhidos e o desempenho de todos na elaboração e colaboração do evento foi algo que nos tocou enquanto nossa primeira experiência no PIBID e no Colégio.

Observar a eficiência dos resultados obtidos com esse Itinerário Formativo – Cinecríticos nos mostrou que, mesmo diante de desafios e imposições de um currículo, é possível se adaptar e resistir. A professora apesar de não possuir conhecimentos sobre cinema e produção audiovisual incentivou os seus alunos na construção dos vídeos e trouxe temas relevantes socialmente e que são trabalhados pela Geografia que é sua disciplina de formação. Assim, mesmo diante de um cenário de desvalorização das ciências, principalmente das ciências humanas, é possível se adaptar e reafirmar sua importância ao trabalhar seus conteúdos através dos Itinerários Formativos, levando em consideração “que o objetivo maior do ensino é a construção do conhecimento pelo aluno, de modo que todas as ações devem estar voltadas para sua eficácia do ponto de vista dos resultados no conhecimento e desenvolvimento do aluno” (Cavalcante, Araújo, 2017, p.128).). E foi possível observar justamente essa preocupação no CEAM, visto que os alunos construíram conhecimentos para além, dos limites impostos por um componente curricular ao relacionarem temas de sua realidade e utilizarem a tecnologia para a produção audiovisual.

Posteriormente, fomos tendo outras experiências. De forma bastante organizada, conhecemos todo o colégio e a coordenação, tanto pelas constantes visitas como pelo próprio Projeto Político Pedagógico-PPP e artigos publicados sobre ele. Observamos várias turmas e participamos de algumas atividades extracurriculares, como a feira de ciências (ilustrada na

figura 2). Além disso, ocorreu a festa junina, o dia da mulher, dia dos povos indígenas, entre outras atividades que nos fizeram também perceber os pontos negativos do CEAM. Como no que se refere à estrutura do colégio essa se mostra precária em alguns sentidos, de modo que, o ensino não alcança a qualidade pretendida para os alunos. De acordo com Plank (2001), a baixa infraestrutura, sempre foi um dos maiores óbices da maioria das escolas brasileiras, sendo uma questão permanente que precisa ser evidenciada e discutida para que soluções sejam encontradas.



Figura 2: Projeto do sistema solar/ Feira de ciências no CEAM. Fonte: Talita de Novais Almeida e Ilara Santos Lemos, Vitória da conquista- BA, 2022.

2675

Apesar dos notáveis problemas infraestruturais do colégio, os professores e todos os profissionais da educação têm feito o seu melhor para oferecer um ensino de qualidade aos alunos, com destaque para uma educação inclusiva que acolhe e respeita as diversidades.

Construção de uma Sala Temática de Geografia: o papel do espaço na aprendizagem

No CEAM, tivemos uma das experiências mais consideráveis no PIBID: a construção de uma sala temática de Geografia. Essa ideia partiu da nossa supervisora Karen Cristine, cujo objetivo seria organizar uma sala de aula única ou particular só da Geografia, com recursos desta área para que os alunos participassem de forma mais dinâmica e eficiente da aula. Como havia salas disponíveis na escola, todos do núcleo concordaram em ajudar a organizar a sala (figura 3), buscamos vários mapas disponíveis na biblioteca do colégio e os penduramos nas paredes da sala.

Conforme afirma, Katuta (2011) “mapas, quadros, diagramas, tabelas, entre outros, devem ser apropriados pelos estudiosos da geografia, como instrumentos auxiliares na

compreensão dos diferentes territórios” (Katuta, 2011, p. 170). Os mapas que antes estavam guardados em gavetas na biblioteca passaram a ser efetivamente utilizados nas aulas e auxiliaram ricamente na compreensão dos conteúdos geográficos. Além dos mapas expusemos livros na sala como: o novo livro da área de ciências humanas introduzido com o Novo Ensino Médio e outros livros geográficos encontrados na biblioteca.



Figura 3: Organizando a sala de Geografia - CEAM. Fonte: Talita Almeida e Ilara Lemos, Vitória da conquista- BA, 2023.

Um espaço em branco foi reservado para que os estudantes pudessem utilizá-lo para escrever temas da Geografia, colar cartazes, charges, entre outros. Dessa forma, foi enfatizado que a sala não seria estática, mas, seria construída processualmente e coletivamente por todos. Assim, aos poucos, a sala, que no início era formada por alguns mapas e livros, foi tomando forma com os cartazes produzidos pelos estudantes, uma pequena exposição de rochas e minerais, um globo terrestre, entre outros elementos.

Essa sala temática de Geografia demonstrou na prática como o espaço é dinâmico e vivo, sendo constantemente transformado por aqueles que nele transitam. Neste sentido, Cavalcanti (1993, p. 70) diz que “o ensino de Geografia deve, assim, visar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade”.

Entretanto, foi possível observar como um espaço destinado para o ensino de Geografia contribuiu positivamente para o processo de ensino-aprendizagem. De modo que muitos alunos queriam assistir as aulas de Geografia fora do seu horário. A sala contribuiu também para a eficácia do trabalho docente, visto que a professora não precisava se deslocar de uma sala para outra e carregar seus materiais: tudo estava ali no mesmo espaço e a sua disposição, o que resultou em um melhor aproveitamento do tempo que já se encontra tão reduzido com as imposições curriculares.

Vivenciando a escola: A oficina do professor

O PIBID nos oportunizou estar em nossa oficina de trabalho, a escola, como nos lembra Fernandes (2005). Com tudo que a compõe: seus desafios, contradições, mas, também suas alegrias. Um espaço diverso, complexo e contraditório como é a sociedade, tendo em vista que quem ocupa a escola é a mesma sociedade. Vivenciar o espaço escolar nos permitiu conhecer possíveis desafios bem como estratégias para superá-los.

E, nesse espaço, o lugar de maior vivência do professor é a sala de aula composta por diversidades múltiplas, estudantes em diferentes circunstâncias. Alguns amam estudar, outros apenas gostam e há também aqueles que odeiam. Mas, estudar não é só questão de gosto, existem muitas variáveis que interferem na trajetória escolar de uma pessoa. Como por exemplo: seu núcleo familiar, questões de saúde física e psicológica, entre outras. Vivenciar este ambiente nos propiciou repensar a nós mesmos enquanto estudantes de graduação e futuros professores. Permitiu-nos ter um sentimento de empatia tanto com os estudantes, quanto com as nossas supervisoras enquanto professoras.

Durante o processo e nossa passagem pelo CEAM, foi nos dada a responsabilidade de preparar uma aula de geografia para o terceiro ano B com o tema Mudanças Climáticas (figura 4). Sob a supervisão da professora Karen Cristine, elaboramos o material didático: slide com o tema, composto por imagens representativas e charges para auxiliar na aula expositiva-participativa. Além disso, foram utilizados vídeos que trouxeram conteúdos da realidade: o vídeo “MAN” que trata do consumismo exacerbado e as consequências disso sobre as pessoas e o planeta, bem como o vídeo “Nova York está afundando”: uma reportagem que aborda a questão da verticalização nas cidades que contribui para o fenômeno da Ilha de Calor e o aumento dos níveis dos oceanos. Moran (2000) adverte sobre os aspectos positivos do uso da tecnologia em sala de aula, em que “o ritmo alucinante da televisão, utilizando vários canais sensoriais e linguagens simultaneamente, favorece esse tipo de

conhecimento de assimilação imediata” (Moran, 2000, p. 20), justamente, o que ocorreu em nossa aula, haja vista que não tínhamos muito tempo para abordar o assunto. E, por fim, aplicamos uma atividade com questões do ENEM e Vestibulares que abordam o tema, para diagnosticar quanto de conhecimento pôde ser construído com os estudantes.



Figura 4: Aula ministrada na turma do 3º ano B com o tema Mudanças Climáticas. Fonte: Talita de Novais Almeida e Ilara Santos Lemos, Vitória da conquista- BA, 2023.

A experiência de elaborar e ministrar uma aula foi fantástica e ao mesmo tempo desafiadora, tendo em vista que, “em seu trabalho diário, o professor deve basear-se, primeiro e antes de tudo, na sua própria experiência e no seu próprio julgamento” (Pólya, 1987, p.5), exigindo assim que, pensássemos nos estudantes e nos recursos que poderíamos utilizar, além de uma atividade que pudesse contribuir, visto que, alguns estão se preparando para o ENEM e Vestibulares. A resposta da turma foi muito positiva, porque eles gostaram do slide que fizemos, participaram da aula com perguntas, contribuíram com a discussão e realizaram a atividade. Com certeza, uma experiência que levaremos para as nossas carreiras enquanto docentes, porque ali estávamos, de fato, assumindo uma turma, mesmo que com a supervisão e ajuda da professora Karen. Foi possível experienciar um pouco da responsabilidade do ser professor, porque se deve apropriar de novas metodologias de aula, buscando sempre as melhores formas de proporcionar conhecimento aos alunos, de forma que haja interações entre o discente e o docente. Sobre essa interação entre professor e estudante Bulgraen (2010) discute:

Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a

“pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador. (Bulgraen, 2010, p. 31).

O professor tem que ser visto como um bom regulador da aprendizagem e não apenas focar em passar informações, pois os alunos não conseguem, na maioria das vezes, assimilar todos os conhecimentos postos pelos professores em sala de aula e frequentemente acabam esquecendo o que foi dito. Ao preparar e executar essa aula, percebemos quanto nosso ofício é complexo, de modo que, o professor precisa se atentar ao seu vocabulário, postura, didática e para além, precisa ter vários planos: A, B e até C para se adaptar aos imprevistos que possam surgir, visto que a sala de aula é uma realidade viva e não algo estático, programado. Como enfatiza Fernandes (2007): “o que ensinar constitui uma importância que é de vida ou de morte” (Fernandes, 2007, p.26). Através do que o professor ensina, de como ensina, ele pode contribuir para a vida ou a morte, pode inspirar um aluno a se tornar um ser pensante e crítico de sua realidade, atento as possibilidades de transformação, como pode desmotivá-lo paralisando seus sonhos.

No CIEB também vivenciamos a sala de aula. Apesar de serem turmas de ensino médio, como no CEAM, a realidade se fez diferente, o perfil dos alunos mudou e dentro desse perfil também existem as singularidades e subjetividades. No CIEB, além, de observar as aulas, realizamos gestos que farão parte da nossa prática enquanto futuros professores, como: escrever no quadro, apagar o quadro, fazer a chamada, dar visto nos cadernos.

Cada uma dessas ações ao serem executadas pela primeira vez nos apresentaram desafios, por exemplo, a preocupação com uma letra legível e reta ao escrever no quadro, com a escrita correta de cada palavra. Ao fazer a chamada, os cuidados foram outros, por exemplo, o tom da nossa voz a fim de ser ouvida pelos estudantes e pronunciar cada nome de forma correta é muito importante, pois de acordo com Pólya (1987) é preciso: “Procurar ler o semblante dos seus alunos; procurar enxergar suas expectativas e suas dificuldades; se colocar no lugar deles” (Pólya, 1987, p. 5) é necessário, para que os alunos percebam que o ensino é para eles e que há certo vínculo entre aluno e professor.

Por meio das coparticipações nas aulas nos tornamos mais ativos em sala de aula, e não apenas ficamos observando, uma vez que, “a aprendizagem ativa é preferível à aprendizagem passiva, meramente receptiva. Quanto mais ativa, melhor é a aprendizagem: Compreenda que a melhor maneira de aprender alguma coisa é descobri-la você mesmo” (Pólya, 1987, p.5). Ao dar os vistos nos cadernos queríamos ter um visto bonito para dar uma boa impressão aos estudantes, e descobrimos como fazer isto, por meio da prática ativa em sala de aula. São estes os pequenos gestos que compõem o dia a dia de um professor. E que

aqueles que possuem experiência, os fazem sem muito esforço, que nós, enquanto graduandas em formação, valorizamos muito.

Uma atividade que também realizamos no CIEB foi à aplicação de simulados. Participar das etapas de aferição dos documentos, distribuição das provas, correção dos gabaritos e preenchimento das notas nos permitiu experienciar o ato de aplicação de provas que também constitui o ofício do professor. Segundo Chuieire (2008), “a avaliação escolar não acontece em momentos isolados do trabalho pedagógico; ela o inicia, permeia todo o processo e o conclui” (Chuieire, 2008, p. 51), pudemos observar isto durante as atividades avaliativas em sala de aula, até o processo do simulado em que há o encerramento da unidade. Outra experiência que marca nossa passagem pelo CIEB e que sem dúvidas contribuiu para a nossa formação foi poder vivenciar o espaço da sala dos professores.

Na sala dos professores não apenas lanchamos, mas, foi possível compreender um pouco do cotidiano da vida de um professor, a rotina agitada, visto que, muitos precisam se deslocar entre várias escolas para cumprir sua carga horária, além das conversas a respeito do seu trabalho pedagógico, Burnier et al., comenta que “o indivíduo manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano individual e coletivo, na busca de significados para construção de sua identidade profissional” (Burnier et al. 2007, p.347). Com essa observação do que ocorre geralmente na sala dos professores, percebe-se que esse espaço assim como a sala de aula, é vivo e dinâmico, pois ali estão os professores com suas rotinas, seus cansaços, suas alegrias, suas angústias, as quais neste espaço podem ser compartilhadas entre pares que também vivenciam experiências semelhantes.

2680

Eventos e oficinas: suas contribuições na formação docente

No CIEB, acompanhamos o Seminário de Sociologia que destacou aspectos da ciência evidenciando a importância do ingresso dos estudantes nas Universidades. A Geografia também foi apresentada com seus principais campos de estudo. Foi um momento especial visto que, nós enquanto Pibidianos, trocamos experiências com os estudantes tendo em vista também que já estivemos nesse lugar, no fim do ensino médio e diante de escolhas sobre o futuro.

Durante o programa participamos também de algumas oficinas de formação, como a oficina do projeto conexões pedagógicas com o tema: Texto e textualidade: escrita e leitura em foco, ministrada pela professora Edivanda Damasceno, que faz parte do corpo docente do CEAM. E como diz Matos (2014) “a oficina é um espaço de reflexão e ação, onde se procura

superar a separação entre a teoria e a prática, na qual se permite pensar o cotidiano e enriquecer o processo de construção do conhecimento” (Matos et al. 2014, p. 71). Dessa maneira, a nossa oficina foi realizada em dois momentos e contribuiu ricamente para a nossa formação ao enfatizar uma das dimensões de iniciação à docência, em que o professor deve conhecer a sistematização da Língua a fim, de ler e escrever bem.

Considerações Finais

Ao fim, deste relato de experiências e vivências no PIBID de Geografia demonstra-se que o Programa é fundamental para a formação Docente. Todo estudante de Licenciatura deveria passar por essa experiência. O PIBID nos propiciou estar em nossa oficina de trabalho, observar os desafios e possibilidades no processo de ensino-aprendizagem.

O PIBID nos formou em diversas dimensões da Iniciação à Docência: a escrita, a leitura, a didática, a postura, o vocabulário. As experiências obtidas por meio da participação no programa nos mostraram que o ofício de professor não constitui tarefa simples e que aqueles que o fazem, devem fazê-lo por amor. Ademais, Marli Zibetti (2004) salienta que “em nossa experiência profissional de trabalho com professores, tanto na formação inicial (curso superior) quanto na formação em serviço, temos nos deparado com as queixas, o adoecimento, a fuga da profissão por profissionais em início de carreira” (Zibetti, 2004, p.220). Diante de um cenário de desvalorização do professor e da ciência geográfica, participar de um programa como este reafirma o papel social do professor, ajudando-o a compreender as suas dificuldades desde já e buscando assim, ressignificar o papel social do professor, pois, como destaca Fernandes (2005) através de discursos negativos provenientes por vezes, até mesmo de professores, esse papel tem sido aviltado socialmente.

As experiências vivenciadas no PIBID constituirão parte permanente de nossa formação e práticas enquanto futuras docentes. Nesse sentido, segundo Zibetti (2004) “é direito destes profissionais conhecer mais sobre o desenvolvimento e a aprendizagem dos seres humanos com os quais trabalham para que possam desenvolver sua tarefa de forma mais satisfatória” (Zibetti, 2004, p.224). Sem dúvidas, quando estivermos diante de uma sala de aula novamente, iremos rememorar cada desafio, cada conquista, que tivemos ao longo do processo. Não reproduziremos o que observamos de nossas supervisoras em sala

de aula, mas, com certeza, iremos nos inspirar a fim de realizar o melhor de nós para promover uma educação que forme cidadãos capazes de transformar sua realidade.

Referências

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, p. 30-38, 2010.

BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 343-358, 2007.

CARVALHO, D. M. da S.; FRANÇA, D. X. de. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 4, n. 12, p. 148–168, 2019. DOI: 10.25053/redufor.v4i12.974. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/974>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 65-82, jan./dez. 1993. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4342/3805>. Acesso em: 23 abr. 2024.

CAVALCANTI, Lana; ARAUJO, Manoel Victor Peres. Segregação socioespacial no ensino de Geografia: um conceito em foco. **Acta Geográfica**, p. 140-159, 2017.

CHUIEIRE, M. S. F. Concepções sobre a Avaliação Escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 39, p. 49–64, 2008. DOI: 10.18222/ae193920082469. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ae/article/view/2469>. Acesso em: 22 abr. 2024.

CORRÊA, S. de S.; GARCIA, S. R. de O. “Novo ensino médio: quem conhece aprova?” Aprova?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 604–622, 2018. DOI: 10.21723/riaee.v13.n2.2018.11469. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11469>. Acesso em: 1 fev. 2024.

KATUTA, Ângela M. a leitura de mapas no ensino de geografia. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 8, n. 8, p. 167-180, 2011. DOI: 10.14572/nuances.v8i8.426. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/426>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LEFRANÇOIS, Guy. R. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MATOS, C. G. A.; SILVA, E. M. S. ; Castro, L. M. D. ; MATOS, K. S. A. L. história de vida e educação para a paz: uma experiência com oficinas. In: Kelma Socorro Alves Lopes de Matos. (Org.). *Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade IV*. 1 ed. Fortaleza: **Edições UFC**, v. IV, p. 65-76, 2014.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Papyrus Editora, 2000.

Napolitano, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NETO, Manoel Fernandes de Souza. **O ofício, a oficina e a profissão reflexões sobre o lugar social do professor.** Cad. Cedes, Campinas, vol.25, n.66, p.249-259, maio/ago.2005.

PLANK, David N. **Política Educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. pgs. 231.

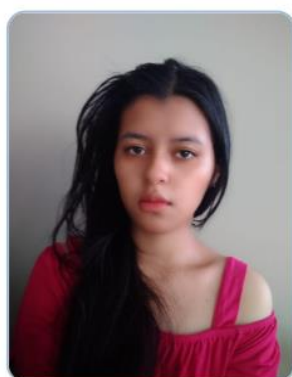
PÓLYA, George. Dez mandamentos para professores. **Revista do Professor de Matemática**, Rio de Janeiro, v.10, p. 1-9, 1987. Disponível em: <<https://miniweb.com.br/ciencias/artigos/polya/10%20mandamentos%20para%20professores%20de%20matem%20E1tica%20-%20george%20polya.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 93, p. 175–195, 2018. DOI: 10.5935/0103-4014.20180037. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152621>.. Acesso em: 24 abr. 2024.

Springer, Kalina Salaib; Soares, Edimara Gonçalves. A pedagogia de projetos como alternativa metodológica às práticas tradicionais no Ensino de Geografia. In: VIII Congresso Nacional de Educação da PUPR - EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas - CIAVE, 2008, Curitiba.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. A angústia no ofício de professor. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 8, p. 219-225, 2004.

Autora 1:



Nome: Ilara Santos Lemos
Graduanda em Geografia pela UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Vitória da Conquista. Membro do Grupo de Pesquisa Do Ensino de Geografia – GRUPEG.
Email: ilaralemos3@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9213819812850308>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6603-8327>

Autora 2:



Nome: Talita de Novais Almeida
Graduanda em Geografia pela UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Vitória da Conquista. Membro do Grupo de Pesquisa Do Ensino de Geografia – GRUPEG.
Email: talita.novais27@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0559373719190623>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6010-2889>